

ISSN 1415-4498

*M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA

14

Centre de Documentation du Cours
de Langue et Littérature Française

ASSOCIAÇÃO DE PESQUISADORES DO

L I T E R Á R I O

*M*ANUSCRÍTICA

REVISTA DE CRÍTICA GENÉTICA
VITÓRIA, ES – DEZEMBRO DE 2006

Conselho Editorial:

ALMUTH GRÉSILLON
AMÁLIO PINHEIRO
JULIO CASTAÑON
RAUL ANTELO
ROBERTO BRANDÃO
WILLI BOLLE
YEDDA DIAS LIMA

Editoria científica:

ÂNGELA GRANDO BEZERRA
APARECIDO JOSÉ CIRILLO
MARIA REGINA RODRIGUES
MARIA GORETE DADALTO GONÇALVES
FERNANDO AUGUSTO DOS SANTOS NETO

Diretoria Editorial:

APARECIDO JOSÉ CIRILLO

Projeto Gráfico:

LUCIANO ALVES PORTELA
VITOR CAMPOS LOUZADA

Ilustração Capa:

ATÍLIO COLNAGO

SUMÁRIO

1. Como entender os processos de criação vinte anos depois - Philippe Willemart.....	9
2. Lecture macro, lecture micro du processus d'écriture_ Réflexions sur la performativité du détail en critique génétique - Irène Fenoglio.....	22
3. Crítica de Processo - Cecília Salles.....	36
4. Signo e significação: Pensamento diagramático e leis de formação - Daniel Ribeiro Cardoso.....	41
5. Informação Estética: Processos de Construção de Formas na Criação - Edina Regina P. Panichi.....	47
6. Breviário das terras do brasil: uma aventura nos tempos da inquisição e os vários caminhos que os manuscritos nos proporcionam - Isabel Cristina Farias de Lima.....	52
7. A Comunidade do Arco-íris: a Gênese de um Possível Novo Mundo - Mara Lúcia Barbosa Da Silva.....	56
8. A presença de João Cabral de Melo Neto e Murilo Mendes em Acervos de escritores espanhóis - Ricardo Souza De Carvalho.....	61
9. Mário de Andrade: epistolografia e processos de criação - Marcos Antonio de Moraes.....	65
10. Poética do processo - Roberto de Oliveira Brandão.....	71
11. Estética da Criação: a gênese de Vidas Secas, de Graciliano Ramos - Vanda Cunha Albieri Nery.....	75
12. O território do caderno de criação - Laís Guaraldo.....	80
13. O códice 367 (320) da Biblioteca Nacional de Lisboa - Carlos Eduardo Mendes de Moraes.....	88
14. Acervos de autores e projetos de edição crítica: Os casos de Fernando Pessoa e Eça de Queirós - Ceila Ferreira Martins.....	94
15. Ficção e Imprensa no Brasil: os Processos de Criação de Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo e José de Alencar - José Alcides Ribeiro.....	101
16. Machado de Assis e o Corpus flaubertianum - Verónica Galíndez Jorge.....	116
17. Revisitando a aquisição de segunda língua: inglês - Ana Elisa Machado Cysne.....	121
18. Tradução literária e crítica genética: Estudo genético do prototexto da tradução para o português do romance de Gabriel Garcia Marques Memória de minhas putas tristes. - Marie-Hélène Paret Passos.....	127
19. Drummond e o Arquivo-Museu de Literatura - Eliane Vasconcellos.....	132
20. Arquivos de escritores: as tramas no Arquivo Mário de Andrade - Marcia Regina Jaschke Machado.....	138

21. Método Van Gogh de formação em artes visuais - Edson P. Pfützenreuter.....	143
22. Um diálogo com as cartas de Vincent Van Gogh - A partir do livro Vincent Van Gogh: cartas a Théo - Maria Paula Palhares Fernandes.....	150
23. Italo Calvino: reflexões sobre processo de criação - Maria Sílvia Bigareli.....	161
24. A Poética de Norma Grinberg: O Arco do Desejo - Sylvia R. Fernandes.....	166
25. Construção metodológica na pesquisa em Educação: contribuições da Crítica Genética - Ronaldo Alexandre de Oliveira e Sílvia Regina Ribeiro.....	171
26. Processos de escritura na escola: breve panorama de alguns estudos franceses e brasileiros - Valquíria C. M. Borba e Eduardo Calil.....	177
27. Desdobrando as Funções dos Documentos de Processo: uma Análise nas Artes Visuais - Aparecido José Cirillo.....	185
28. Problemas de transcrição na Missa no. 7 de Francisco Mignone - Carlos Alberto Figueiredo.....	193
29. Processo de criação: diálogo com a cultura - Cristiane Miryam Drumond de Brito	199
30. Espaços de criação de duas ceramistas brasileiras - Maria Regina Rodrigues.....	206
31. Acaso como tendência: o projeto poético de Milton Montenegro - Maria Gorete Dadalto Gonçalves.....	215
32. Edição Crítica da Poesia Completa de Lúcio Cardoso - Ésio Macedo Ribeiro.....	225
33. A poesia machadiana: versões, traduções, revisões e diálogos – uma musa de roupas embebidas - Francine Fernandes Weiss Ricieri.....	231
34. O fazer naturalista em o mulato, de Aluísio Azevedo - Laura Camilo dos Santos Cruz.	237
35. Perspectivas sobre a gênese de Casa de pensão - Marizete Liamar Grando.....	244
36. A escrita literária é sempre uma prática crítica. Mas crítica do quê? Do processo - Claudia Amigo Pino.....	249
37. O processo telejornalístico na edição - Aline Grego.....	259
38. A Crítica Genética na Propaganda - Prof. João Vicente Cegato Bertomeu.....	268
39. O Processo de Criação e Produção em Os Simpsons - Profa. Chantal Herskovic.....	277
40. O Caderno Rosa de Hilda Hilst - Cristiane Grando.....	286
41. A condição fotográfica da arte contemporânea - gênese e o processo de criação - Evandro de Freitas Gauna.....	287
42. O processo de criação de Cidade de Deus - Keila Prado da Costa.....	289
43. Generalizações sobre o proceso criativo servindo como suporte no caminhar de uma oficina terapêutica ocupacional com psicóticos	290
44. Disciplina e liberdade: leituras processuais na música de H.J. Koellreutter.....	295

14. ACERVOS DE AUTORES E PROJETOS DE EDIÇÃO CRÍTICA: OS CASOS DE FERNANDO PESSOA E EÇA DE QUEIRÓS.

CEILA FERREIRA MARTINS
UFF

Este trabalho procura, a partir do exame de edições críticas publicadas pelas duas equipes estudadas e através da leitura do artigo Enquanto os escritores escreverem e da Nota Prévia que abre a edição dos Poemas de Álvaro de Campos, ambos de autoria de Ivo Castro, assim como da leitura de A construção da narrativa queirosiana: o espólio de Eça de Queirós, de Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro, tecer algumas considerações sobre os respectivos projetos de edição crítica que têm como ponto de partida os acervos ou espólios de Fernando Pessoa e de Eça de Queirós. Tais considerações procuram entender e explicar o modo, a maneira como que as duas equipes, cada uma através de caminhos e metodologias diversas, lançaram e continuam a lançar luz sobre a importância da Crítica Textual para um profundo e abalizado conhecimento da obra de dois dos maiores nomes da literatura em língua portuguesa: Fernando Pessoa e Eça de Queirós e, por extensão, sobre a contribuição da Crítica Textual para um profundo e abalizado conhecimento de uma obra literária.

Como pode ser facilmente verificado pela visibilidade que desfrutam dentro e fora do meio acadêmico, a Equipa Pessoa ou Grupo de Trabalho para o Estudo do Espólio e Edição Crítica da Obra Completa de Fernando Pessoa e a da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós são duas das mais prestigiosas equipes ou equipas que trabalham com edições críticas de autores portugueses modernos.

A Equipa Pessoa foi instituída pela Secretaria de Estado da Cultura de Portugal, em 1988, instalada na Biblioteca Nacional, no Campo Grande, e é coordenada pelo Professor Doutor Ivo Castro, Catedrático da Universidade de Lisboa. Já a responsável pela Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós foi criada por solicitação de seu coordenador, Professor Doutor Carlos Reis, Catedrático da Universidade de Coimbra.

Tanto o acervo ou espólio de Fernando Pessoa quanto o de Eça de Queirós estão sob a guarda da Biblioteca Nacional de Lisboa.

A Equipa Pessoa edita seus trabalhos através da Imprensa Nacional-Casa da Moeda e os publica em duas coleções, a saber: Estudos e Edições Críticas.

Na Coleção Estudos, saiu o volume Editar Pessoa, espécie de programa das edições críticas publicadas pela Equipa. Tal livro ocupa-se também de problemas relacionados às edições e ao espólio ou acervo pessoanos.

A Coleção Edição Crítica é dividida em duas séries: a Série Maior, que publica edições crítico-genéticas de Fernando Pessoa e de seus heterônimos, e a Série Menor, que publica edições de texto crítico do mesmo Pessoa e de seus heterônimos,

mas sem o aparato e em “transcrições atualizadas” como pode ser lido na orelha da sobre-capa das edições publicadas na Série Maior.

A Série Maior, formada por edições crítico-genéticas, consta, no momento, de 11 volumes publicados, o último deles saído em 2005, a edição de Poemas de Fernando Pessoa 1915-1920, sob a responsabilidade de João Dionísio, Professor da Universidade de Lisboa.

A respeito do código bibliográfico destas edições, cada volume tem capa e sobrecapa.⁷⁷

As sobrecapas são coloridas. Cada uma delas com uma cor. Por exemplo, a que abre o volume de Quadras de Fernando Pessoa (edição preparada por Luís Prista) é púrpura e a que abre o de Poemas de Fernando Pessoa 1915-1920 (edição preparada por João Dionísio) é verde. Nela, na sobrecapa, está impresso um retrato difuso do poeta, como se a imagem estivesse aparecendo ou desaparecendo ou que estivesse sendo recuperada. Tal imagem e a maneira que ela é apresentada está de acordo com as palavras escritas por Ivo Castro, coordenador da Equipe, nas páginas que abrem o primeiro volume publicado da Série Maior, o de Poemas de Álvaro de Campos, sob a responsabilidade da ilustre Cleonice Berardinelli. São palavras de Ivo Castro:

*[...] urgia aparecer em público dentro de pouco tempo com realizações de substância, cuja execução experimentasse até ao limite o nosso método e capacidades e cujo contributo fosse razoavelmente transformador do conhecimento actual da obra de Pessoa, no sentido de revelarmos “mais texto” e, mais importante que isso, no sentido de mostrarmos que as intenções do poeta, correctamente interpretadas na sua manifestação material, apontam para um “texto diferente” daquele que era conhecido.*⁷⁸

Ou seja, os volumes publicados com versões de poemas que não são (ou não eram) do conhecimento do público leitor das edições Ática e Aguilar, assim como a edição de poemas inéditos contribuem para criar nossas visões e leituras dos textos de Fernando Pessoa. Também a divulgação do Aparato Genético pelas edições da Série Maior ajuda a traçar um estudo mais consistente acerca da gênese da escritura de cada um dos poemas de Fernando Pessoa.

Ivo Castro, ainda no texto da Nota prévia já citada, chama a atenção para ser a Edição Crítica, preparada pela Equipe Pessoa, a que, pela primeira vez, aplica, de modo sistemático (e eu direi consciente) a teoria geral da Crítica Textual Moderna.⁷⁹

E o que pode ser entendido por Crítica Textual Moderna? É o próprio Ivo Castro quem responde num artigo fundamental para a compreensão da chamada Crítica Textual Moderna. O nome do artigo? Enquanto os escritores escreverem... (situação da crítica textual moderna). Nesse texto denso, com bibliografia atualizada - fortemente marcado por teóricos de língua inglesa - e temas importantes a respeito da Crítica Textual e do universo que a envolve, o Professor Catedrático na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Ivo Castro, escreve sobre a evolução das tecnologias da escrita e o futuro da Crítica Textual. Também estabelece relações entre os instrumentos da escrita, sua utilização e o processo de estruturação do texto por parte dos escritores. Além disso, não se furta de formular clara definição de Crítica Textual, explicitar suas funções e seus campos de atuação num mundo em acelerada transformação, marcado pelo crescente uso de computadores.

A respeito da Crítica Textual, em Enquanto os escritores escreverem, ela é di-

vidida em Crítica Textual Moderna e Crítica Textual Antiga. As duas, a Antiga e a Moderna, se distinguem quanto ao objeto.

Para Ivo Castro, Crítica Textual Antiga:

[...] continua a ocupar-se, como faz a bastante tempo, de textos removidos de sua forma autoral por numerosas operações de cópia, cujas sucessivas actualizações procura identificar e neutralizar.⁸⁰

Na “esteira” de Jerome J. McGann (de *A critique of modern textual criticism*), Ivo Castro chama de Crítica Textual Moderna ao:

*[...] estudo do original do autor e do seu dossier de ante-textos, o que a insere no campo cronológico das literaturas modernas, já que são os escritores dos séculos XIX e XX (e muito raros os de épocas anteriores) que nos legam tais tipos de documentos [...]*⁸¹

Ainda segundo Ivo Castro, no artigo citado, à Crítica Textual Moderna interessa a cronologia da gênese do texto.⁸²

Nas páginas das Edições crítico-genéticas publicadas pela Equipa Pessoa, a cronologia da gênese dos textos de Pessoa e seu modo de produção textual são revelados aos leitores, através da teoria e da metodologia da Crítica Textual Moderna.

Os aparatos genéticos da Série Maior além de fornecerem informações sobre o processo de produção da escrita por Fernando Pessoa, dão referências sobre os suportes de escrita. Ou seja, dão informações relevantes sobre a materialidade daqueles textos tanto para quem deseja localizá-los e descrevê-los, seja para quem apenas procura dados acerca da produção da escritura daquela época.

As Edições da Série Maior são divididas nas seguintes partes: um informativo das edições já publicadas ou em vias de publicação; uma introdução; ficsimiles de alguns poemas publicados; texto crítico; Aparato Genético; Aparato de variantes da tradição e índices (topográfico, de primeiros versos e de títulos, cronológico e geral).

Destaco aqui a introdução, o texto crítico e o aparato genético.

As introduções da Série Maior apresentam, na maior parte das vezes, dados sobre critérios de edição, materialidade dos textos, a descrição, a definição e delimitação do corpus de poemas editados; problemas de edição (ordem de apresentação dos poemas, por exemplo) e gênese e cronologia da escritura. São introduções, posso dizer, centralizadas na área da Crítica Textual. Contudo, trazem a inovação de apresentarem informações detalhadas sobre os manuscritos editados e sobre a materialidade desses textos.

O texto crítico é publicado dentro de um dos mais puros espíritos da Crítica Textual que é o de facultar ao leitor a verificação dos critérios de leitura utilizados pelo editor crítico. Inclusive, as palavras ilegíveis pelo editor crítico não são publicadas e tal dificuldade de leitura é comunicada ao leitor através de sinais divulgados na edição.

O Aparato Genético da Série Maior é um material de extrema importância para o estudo da gênese e do processo de escritura pessoanos. Tudo isso sob a chancela do nome de uma das maiores autoridades na área da Crítica Textual, Professor Ivo Castro.

Sobre a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, coordenada por Carlos Reis, ela, assim como a da Equipa Pessoa, também é publicada pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda com o apoio do Ministério da Cultura de Portugal. É importante destacar que esse projeto de edição crítica já editou 10 dos 30 volumes presentes no

seu plano de edição. Um desses volumes, o de Textos de Imprensa V (da Revista Moderna), foi editado a pouco, neste ano de 2005.

No plano da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós não estão previstos volumes como o da série Estudos, publicada pela Equipa Pessoa. Contudo, é sabido que seu coordenador pretende publicar o projeto inicial que deu origem aos trabalhos da Equipa Eça de Queirós. Tal equipa ou equipe é bastante heterogênea e conta com professores universitários não só de Portugal, como também do Brasil, da Espanha, da França, por exemplo. Mas, é lícito e esperado perguntar, o que une essa equipe? Respondo: um vivo e fecundo interesse pela obra de Eça de Queirós. A palavra fecundo é aqui empregada como sinônimo de produção de trabalho ou de trabalhos de reconhecida qualidade acadêmica sobre a obra do autor de *A relíquia* e de tantos outros títulos que encantaram e encantam brasileiros, portugueses e outros amantes da literatura em língua portuguesa espalhados por este mundo. Mas, volto à pergunta: o que une essa equipe, e crescendo, além de um vivo e fecundo interesse pela obra de Eça de Queirós? Agora, sim, respondo, tendo em mente os que vêem ou entendem a Crítica Textual numa perspectiva mais isolada, mais voltada para si própria (a Crítica Textual pela Crítica Textual) e respondo também pensando naqueles que, como eu, entendem a Crítica Textual como uma área com teoria e metodologia próprias, mas que, necessariamente, atua num espaço interdisciplinar.

Ditas estas palavras, que são, em princípio um início de definição do que aquela que escreve estas linhas entende por Crítica Textual, agora, sim, respondo: o que une essa equipe, além do vivo e fecundo interesse pela literatura produzida por Eça de Queirós é o consistente e sólido plano de edição crítica elaborado e coordenado com mestria pelo Prof. Carlos Reis. Vale também destacar que a Equipe Eça de Queirós é formada por nomes de indiscutível mérito no campo da Crítica Textual como Luiz Fagundes Duarte e Elza Miné, por exemplo.

A respeito do código bibliográfico dessas edições, suas capas são padronizadas em fundo preto, tendo por destaque uma espécie de mosaico formado por imagens (de um quadro ou de quadros, ou de tapeçarias) que podem ser mentalmente re-arrumados ou re-agrupados com os olhos pelo leitor numa operação de montagem que, de certa forma, anuncia o processo de apuramento de texto realizado pelo editor crítico. Tais imagens lembram também azulejos (por exemplo: as capas de *A Capital!*, *Alves e C^a.*, *Textos de Imprensa V*) e, todos sabemos, pelo menos nós do mundo lusófono, que azulejos estão intimamente ligados a Portugal, o que reforça a idéia de a realização da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós ser também um serviço de preservação da cultura portuguesa, do patrimônio cultural de Portugal. Tal idéia é praticamente explicitada por Carlos Reis, na Nota Prefacial à edição de *A Capital!* São palavras do coordenador dessa Equipa:

*[...] O que assim fica manifesto, sem margem para dúvidas, é a legitimidade e a premência cultural de que se reveste a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, tarefa decerto árdua e demorada, mas absolutamente necessária para se restituir à fidelidade a produção de um grande escritor da nossa Cultura.*⁸³

Mas, voltando à capa das edições críticas de Eça de Queirós, nelas também encontra-se presente, acima da ilustração ou mosaico, o nome da equipa e do projeto EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS, escrito em caixa alta, numa cor num tom em harmonia com a ilustração ou mosaico. Abaixo da ilustração, vem

grafado, em caixa alta e em letras brancas, o título da obra editada, seguido do subtítulo, apenas com as maiúsculas, que dão início as palavras, em caixa alta. Depois de um espaço em negro, aparece, bem abaixo, (em caixa alta e numa cor que também está em harmonia com a ilustração) o nome IMPRENSA NACIONAL – CASA DA MOEDA. Na capa inicial não aparece o nome do coordenador da Equipa, nem o nome do editor crítico. Na quarta capa é que vem estampado, em letras brancas, um pequeno texto, seguido do nome Carlos Reis, acompanhado da informação: da Nota Prefacial. Mais abaixo, ainda na quarta capa, está grafado o ISBN da publicação. Na folha de rosto das edições é que está impresso o nome do editor ou dos editores. Ou seja: na capa principal, não há destaque para o coordenador e para o editor crítico. Há, sim, destaque para o título da obra publicada, para o nome Eça de Queirós, para o nome da equipa e do projeto, EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS, e para o tipo de edição, no caso, uma edição crítica. O destaque para o tipo de edição é construído pela ilustração em mosaico, somada ao título EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE EÇA DE QUEIRÓS.

A respeito dos livros que compõem o conjunto das edições críticas já publicadas pela Equipa Eça de Queirós, todos eles apresentam os seguintes capítulos ou seções: plano de edição crítica, com os títulos já publicados, destacados com um asterisco; uma Nota prefacial de autoria do coordenador da equipe, Carlos Reis; um sumário, uma introdução escrita pelo editor crítico (com os critérios de edição), o texto crítico (com o aparato crítico, que muitas vezes se restringe a ser um aparato de variantes com algumas notas do editor crítico em rodapé), um apêndice (constituído, por exemplo, de um texto importante que se relaciona com a história da recepção ou da construção do texto editado criticamente). Fecham os volumes, notas biobibliográficas acerca do autor de *A cidade e as serras*, notas bibliográficas sobre o editor crítico e, na última página impressa do interior do livro, informação do mês e do ano em que a edição acabou de ser impressa, seguida do seu número, da página da Internet e do e-mail da Imprensa Nacional-Casa da Moeda e do e-mail da Livraria Camões.

Cabe aqui destacar os capítulos introdução e texto crítico da Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós.

O capítulo Introdução é escrito pelo editor crítico e sua forma e seu conteúdo, fora o subtítulo critérios de edição, presente em todos os títulos publicados, estão estreitamente relacionados aos problemas decorrentes dos graus de dificuldades inerentes à preparação da edição crítica desses textos e ao tipo de formação e interesses acadêmicos do editor crítico. Cada um dos textos editados apresenta problemas específicos ao gênero literário ao qual pertencem e às suas condições de textos não-póstumos, semi-póstumos ou póstumos. Cada uma dessas classificações irá demandar um maior ou menor desvio do texto final autorizado por Eça de Queirós. No caso de textos semi-póstumos (classificação proposta por Ernesto Guerra da Cal e seguida pela Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós) ou póstumos, questões sobre texto final, vontade final e autoridade do autor são ou tem de ser relegadas ao editor crítico que, através de exames exaustivos acerca da história interna e externa do texto que quer editar e, se os houver, de seus manuscritos e versões, chega à hipótese mais viável de edição crítica em relação àquela obra, muitas vezes, problematizando, na própria introdução, a idéia de texto final relacionada a concepção de

texto acabado pelo autor.

Muitas dessas introduções descrevem e estudam o processo de construção do texto pelo autor, seu modo de trabalho, o ambiente cultural de que fazia parte Eça de Queirós, suas influências literárias, o grau de superação ou de não superação do Realismo-Naturalismo por cada obra queirosiana editada pela Equipa, os critérios de escolha do texto –base, além de apresentar os critérios de edição do texto crítico publicado. Tais introduções também tem a função de suprir a falta de comentários explicativos ou exegéticos no aparato crítico.

Quanto ao texto crítico, sua disposição gráfica vai depender dos problemas encontrados na elaboração e apresentação do aparato em rodapé. Por exemplo: no caso da edição crítica do Crime do Padre Amaro, o texto crítico (que tem como texto-base a edição de 1889) vem impresso nas páginas ímpares e o texto da 2ª. Versão do romance (a de 1876) é apresentado nas páginas pares, dada a dificuldade de se apresentar graficamente um aparato que seria por demais extenso.

A Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós tem a peculiaridade de ser um projeto idealizado por um professor que tem por formação os estudos literários. Contudo, fica patente da leitura dessas edições que a realização de uma edição crítica é, para Carlos Reis, um mergulho nos universos dos textos criticamente publicados. Por universo, entenda-se texto, contexto e construção textual. Ou seja, a realização de uma edição crítica de um texto literário é também parte de um estudo da literatura e parte de uma estratégia editorial e de uma práxis de preservação do patrimônio cultural, representado pelas obras de Eça de Queirós.

Já da leitura de A construção da narrativa queirosiana: o Espólio de Eça de Queirós, de 1989, via-se, ainda no título e subtítulo do livro citado, a comunhão ou ligação entre o estudo da construção da narrativa queirosiana e o exame do espólio de Eça de Queirós. Uma ligação que, para a época da escritura do livro por Carlos Reis e Maria do Rosário Milheiro, ainda não era tão óbvia como parece hoje aos olhos de pesquisadores e professores que se utilizam do instrumental teórico-metodológico da Crítica Textual e da Crítica Genética para a realização de estudos e de pesquisas na área dos estudos literários. Um instrumental que hoje perpassa muitos dos estudos na área da Literatura e que, infelizmente, também passa ao largo de outros tantos. Mas, já na Construção da narrativa queirosiana, apesar de a Crítica Textual de textos modernos e a Crítica Genética não serem mencionadas entre os citados “contributos teórico-metodológicos” para as análises efetuadas no livro (são eles: o da história literária, o da narratologia e o da estilística), elas estão presentes em muitas de suas páginas e fazem parte desse instrumental para os estudos literários. Seria, posso assim dizer, uma utilização desse instrumental *avant la lettre*, que, por sua própria natureza, ser pioneira, não é nomeada, apesar de haver várias referências à Crítica Textual em a Construção da Narrativa Queirosiana. Inclusive, a própria noção de responsabilidade editorial e a discussão sobre autoridade editorial e autoral de textos inéditos, esboçada na página 24 do livro em questão, é parte da grande discussão acerca da autoridade textual e autoral enfrentada pela Crítica Textual Moderna. Vale a pena transcrever uma passagem dessa discussão realizada no citado livro:

De certo modo, o responsável científico (que é, para este efeito, o editor) substitui-se a um escritor que não pode já tomar decisões, reclamando para si uma autoridade que, sem ser propriamente a do autor, é a única legítima na sua falta; legítima, desde que um tal editor possua a gama de conhecimentos suficientes para apresentar, ler, transcrever, comentar e relacionar com a obra conhecida os materiais que edita. Não se trata, pois, de uma simples divulgação;

*mais do que essa divulgação, o que importa é fazer dos materiais editados instrumentos que contribuam para um melhor conhecimento do escritor em causa, com maioria de razão quando neles se patenteia o vigor e a espontaneidade de um processo criativo em desenvolvimento.*⁸⁴

Ou seja, muitas das questões que estão sendo analisadas nos dias de hoje pelos estudos literários, como problemas de edição, dados do acervo e espólio de autores para o entendimento da construção de sua obra, a questões levantadas pela materialidade textual e pelo código bibliográfico, já estavam na ordem de preocupações tanto da Equipa Eça de Queirós quanto da Equipa Pessoa há, pelo menos, duas décadas.

A Equipa Pessoa e a Equipa Eça de Queirós fazem parte da história e também estão construindo a história da Crítica Textual. E para terminar, vale constatar que nada será como antes da publicação dos trabalhos dessas duas equipes no campo dos estudos literários e no campo da edição crítica de textos.

Referências Bibliográficas:

- CASTRO, Ivo. Enquanto os escritores escreverem ... (Situação da crítica textual moderna). Conferência plenária, IX Congresso da ALFAL, Campinas, Mimeo, 65 p. 1990.
- . Editar Pessoa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.
- . Nota Prefacial. In: BERARDINELLI, Cleonice (ed). Poemas de Álvaro de Campos. Edição Crítica de Fernando Pessoa. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1990.
- DIONÍSIO, João (ed). Poemas ingleses. Edição crítica de Fernando Pessoa. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993, tomo 1.
- (ed.). Poemas de Fernando Pessoa 1915-1920. Edição crítica de Fernando Pessoa. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 2005.
- . Código bibliográfico: legibilidade e leitura. Texto apresentado no II Encontro Internacional de Filologia UFRJ/UFF, 2005, 21p. Inédito em livro.
- DUARTE, Luiz Fagundes (ed.). A Capital! (começos de uma carreira). Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1992.
- DUARTE, Luiz Fagundes/ FIALHO, Irene (ed.). Alves & C.^a Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.
- PRISTA, Luís (ed.). Poemas de Fernando Pessoa: Quadras. Edição Crítica de Fernando Pessoa. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1997.
- REIS, Carlos/MILHEIRO, Maria do Rosário. A construção da narrativa queirosiana. O espólio de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1989.
- REIS, Carlos/CUNHA, Maria do Rosário (ed.). O crime do Padre Amaro. Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.
- SOLER, Elena Losada. Textos de Imprensa V. Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

Notas:

77. Código bibliográfico aqui é entendido conforme a definição apresentada por João Dionísio em Código bibliográfico:legibilidade e leitura, texto apresentado no II Encontro Internacional de Filologia UFRJ/UFF, em setembro deste ano.
78. CASTRO, Ivo. Nota Prévia. IN: Berardinelli, Cleonice (ed). Poemas de Álvaro de Campos. Edição Crítica de Fernando Pessoa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990, p. 9.
79. Op.cit. p. 10.
80. CASTRO, Ivo. Enquanto os escritores escreverem ... (Situação da crítica textual moderna). Conferência plenária, IX Congresso da ALFAL, Campinas, Mimeo, 1990, p. 3.
81. Op. cit. p. 3.
82. Op. cit. p. 4.
83. REIS, Carlos. Nota Prefacial. In: DUARTE, Luiz Fagundes (ed). A Capital! (começos de uma carreira). Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1992, p. 11.
84. 8 REIS, Carlos/MILHEIRO, Maria do Rosário. A construção da narrativa queirosiana. O espólio de Eça de Queirós. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989, p. 24.